



Arte na Escola®

Novas estratégias

As muitas possibilidades de ver, pensar e ensinar arte a partir da DVDteca.

Especial DVDteca Arte na Escola

Documentários sobre arte brasileira e materiais educativos com tecnologia inovadora para o ensino da Arte chegam a 100 mil escolas públicas.



Inventores

Como professores estão utilizando o acervo da DVDteca em suas práticas pedagógicas.

Trinta documentários da DVDteca Arte na Escola foram selecionados pela Secretaria de Educação a Distância do MEC para compor a caixa do projeto DVD Escola/Arte que chegaram a 100.000 escolas Brasil afora. Entre eles, estão títulos como “Isto é arte?”, “A cor da criação (Paulo Pasta)” e “Nuno Ramos: arte sem limites”. O envio gratuito destas mídias acompanhadas de material educativo para o professor talvez seja a maior difusão já feita de recursos pedagógicos para as aulas de Arte. Produzido pelo Instituto Arte na Escola, os materiais seguem uma abordagem rizomática baseada em Delleuze e Gattari que mapeia nove territórios da arte. Concebido para atender a diferentes níveis de ensino, conteúdos e currículos, o material é capaz de subsidiar o professor em sua difícil tarefa de dar aulas de arte com arte. Este boletim mapeia, justamente, diferentes possibilidades e direções variadas de ensino para que o professor possa se inspirar nas melhores práticas e venha nos contar, via e-mail, a sua experiência em sala de aula.

Bom proveito!

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.
Conselho Editorial
Evelyn Berg Ioschpe, Helânia Cunha de Sousa Cardoso, Erinaldo Alves do Nascimento, Sílvia Sell Duarte Pillotto

Editora
Silvana Claudino
Jornalista responsável
Fábio Galvão MTB 20.168/SP
Redação
Fábio Galvão, Cecília Galvão e Raquel Zardetto (CGC Educação)

Projeto Gráfico Zozí

ISSN 1809-9254
Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:
Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 – casa 3
CEP 01417-020, São Paulo, SP
Fone (11) 3103.8080
contato@artenaescola.org.br

Que vídeo você já usou em suas aulas de arte e gostaria de indicar? Por quê?

► Utilizei os vídeos de Mestre Didi e Nazareth Pacheco. Gosto da possibilidade de apresentar nas aulas a obra de artistas que possam suscitar múltiplas discussões. Eles são representantes da produção contemporânea brasileira, vivos, e se expressam por meio de suportes pouco convencionais. O vídeo permite o acesso ao lado humano implícito nos objetos artísticos. É como se, por alguns minutos, participássemos da intimidade de seus criadores, acompanhássemos a rotina dos ateliês, compreendêssemos melhor suas ideias, os processos de trabalho, a relação imprescindível entre vida e obra.

Nilton Xavier Bezerra / Apodi (RN)

► Trabalhei com o DVD "Ilusões fotográficas", de Vik Muniz. O documentário fala desse processo de criação e trajeto profissional do artista. Os alunos podem compreender o conceito da arte contemporânea gerando reflexão e discussão sobre o que são arte, fotografia e arte efêmera. Os exercícios são diversos: construção de imagens com açúcar, café e terra, construção de imagens com olhar, fotografando lugares inusitados da escola. O que mais chamou a atenção dos alunos foi o "light paint" – pintura com luz fazendo uso da máquina fotográfica. O DVD é simplesmente completo. Recomendando.

Helen Cardoso / Santo André (SP)

► Usei o DVD "Trajetória da Luz na Arte Brasileira", de Paulo Herkenhoff. Gosto de pensar neste DVD como uma introdução às Artes Visuais, com novos alunos e sondagem de seus conhecimentos. Começo por desmistificar alguns conceitos. O primeiro é que, sim, existe uma produção intensa e forte de arte brasileira. Neste vídeo podemos introduzir esse pensamento e valorizar os distintos aspectos da nossa cultura.

Isaac Kassardjian II / São Paulo (SP)

► Como coordenadora pedagógica, assisti a todos os vídeos. Acho-os muito importantes para uso em sala de aula. Trabalho em duas escolas – uma estadual e outra municipal – e sei que as duas têm a caixa do projeto DVD Escola/Arte (leia nas págs 4 e 5). Todo professor de arte deveria ter este material, que julgo excelente.

Ana Maria Santos / Cruzeiro (SP)

ILUSTRADOR CONVIDADO

Ricardo Basbaum

Ilustram esta edição imagens de obras do artista multimídia, professor, curador e crítico Ricardo Basbaum.



diagrama (série love songs), 1996
1º Circuito Nacional de Art-Door, Goiânia



diagrama (série arte&vida), 1994. Coleção Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Juliana Carnasciali e Eliana Tumolo Dias Leite, ambas arte-educadoras na cidade de São Paulo, têm também em comum o uso da DVDteca Arte na Escola em suas práticas pedagógicas. Integrante de um grupo de estudos cujo foco era a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte, que embasa os materiais educativos (leia nas págs 4 e 5), Juliana fala das “infinitas possibilidades” de trabalho a partir dela. Eliana, que conheceu o material educativo em um seminário de dois dias, conta como a cartografia dos territórios da Arte passou a integrar a sua prática docente.

FORMAÇÃO ► Falar da DVDteca Arte na Escola e de sua proposta rizomática é poder sentir, em todo meu corpo de arte-educadora, a aproximação de infinitas possibilidades de trabalho.

Uma proposta que intriga o professor, deslocando o seu olhar, desde o início da apresentação. Na verdade, há um convite para o professor deixar o mundo por alguns minutos e entrar no universo da arte por inteiro, para, após certo passeio, experimentar uma espécie de transição metafórica. Convida a pesquisar, a conhecer, a investigar, conectar, expandir, relacionar, ir e voltar, fazer escolhas, quantas vezes for necessário ou desejar.

Aliás, o desejo é fator essencial para lidar com este material, pois ele oferece muitas entradas e as direções e decisões de percurso a partir dele ou com ele devem ser realizadas como o sujeito que os manipula. Uma das funções fundamentais da DVDteca é colocar o sujeito a “propositar”. Ou seja, propor dispositivos, agenciamentos criadores de novas subjetividades. Afinal, a beleza destes DVDs é agir sobre ele e, a seguir, propor inventivamente.

É fazer com que nós, professores, nos sintamos, como os artistas, cada vez mais libertos para inventar nossos percursos dentro da sala de aula, preenchendo de sentido o ato de arte educar, aproximando-o cada vez mais de sua essência.

O material nos dá sempre um ponto de partida e expande-se de modo heterogêneo, propondo também expansão a quem com ele se encontra.

Embora feito para espaços pedagógicos, é artístico como um todo, desde sua concepção, pois propõe diversas possibilidades a partir de potencialidades a se trabalhar. Propõe ir muito além das tradicionais práticas pedagógicas que, por muitas vezes, focam a história da arte e suas linguagens no fazer. Assim como na Arte e na vida, os DVDs nos apontam “atenções”, as quais nós professores podemos transformar em “intenções”.

Além disso, contam-nos muito sobre todo o vasto território da arte na educação, de modo que estudá-los é conhecer cada vez mais sobre o Território Arte e Cultura, conhecer e dominar seu movimento, sua flexível disposição para se conectar!

Juliana Carnasciali - Juliana Carnasciali – arte-educadora e artista multimídia (artes plásticas, música e poesia)

www.poptchuras.blogspot.com

www.pappaspalace.com

PRÁTICA ► Conheci o material em maio de 2006 no “Seminário Cartografias para o Ensino da Arte: Provocando Estalos para mover uma DVDteca”. Foram dois dias inesquecíveis a convite do Instituto Arte na Escola, quando arte-educadoras apresentaram o material educativo e os DVDs, junto às autoras Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque. Na época fiquei com gostinho de quero mais, esperando ansiosamente poder utilizar esse rico meio de pesquisa e aprendizado por meio do Rizoma das Cartografias para o ensino da arte. O material educativo que acompanha os DVDs possui palavras-chave, proporcionando-nos caminhos diversos rumo ao fazer artístico e as experiências com e na arte.

Trabalho com os cadernos do professor e do aluno referentes à Proposta Curricular do Estado de São Paulo – que utilizam a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte – desde a sua implantação e sempre utilizo os links e indicações de livros, glossário e títulos da DVDteca Arte na Escola para pesquisas. No início foi difícil por não ter acesso aos DVDs que ampliam possibilidades de conhecimento da arte e dos artistas contemporâneos, tanto para nós, professores, propositores e pesquisadores, como para nossos alunos, carentes de contato com a arte. Antes de recebê-los na escola, pedia-os emprestados no Polo da Rede Arte na Escola, apesar das dificuldades para buscá-los e devolvê-los. Agora, com a caixa do projeto DVD Escola/Arte à disposição nas escolas tudo fica mais fácil (leia nas págs 4 e 5). Antes de dar os conteúdos, procuro sempre pesquisar possibilidades no site www.artenaescola.org.br, para que ano a ano possa melhorar e adequar mais as necessidades de nossos alunos e condições físicas da escola.

A Cartografia dos territórios da arte fica muito mais clara com uso do material educativo, possibilitando aos alunos terem contato com os artistas, ainda que apenas por documentários, mas também os incentivando a conhecer e visitar exposições e assistir a espetáculos de dança e teatro. Durante esses anos todos, tenho ministrado aulas no ensino médio regular e EJA, e vou anotando no diário de bordo o que deu ou não certo, replanejando novas possibilidades. Com as anotações dos resultados vou mudando estratégias para que o conteúdo seja sempre motivador.

Eliana Tumolo Dias Leite - arte-educadora, Professora-Coordenadora da EE. Zulmira Cavalheiro Faustino, Dona, em São Paulo, leciona na EE. Rev. Jacques Orlando Caminha D’Ávila.

As novas raízes do ensino da arte

Rizoma – caule rico em reservas; comum em plantas vivazes, capazes de emitir ramos floríferos; base sólida que legitima alguma coisa; o que é enraizado, arraigado, raiz.

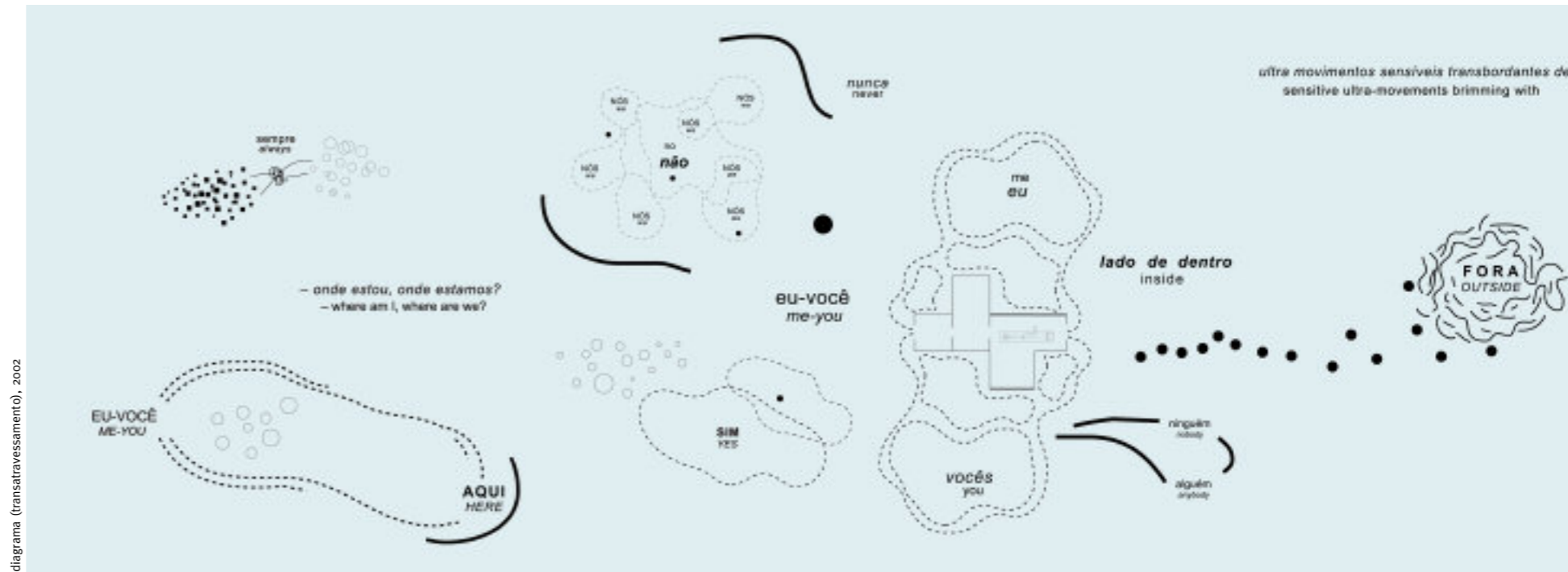


diagrama (transatravessamento), 2002

4

» Esta definição de rizoma, descrita no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa sob o aspecto estritamente botânico, foi transportada para a filosofia pelos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari no final do século passado. Deleuze explica: "O que chamamos rizoma é precisamente um caso de sistema aberto. Um sistema é um conjunto de conceitos. Mas os conceitos não são dados prontos, eles não pré-existem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência." Partindo deste pensamento filosófico, o Instituto Arte na Escola construiu, em 2004, uma nova transposição do rizoma, desta vez para o mundo das Artes. Nascia a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte, metodologia que embasou o material educativo criado para o uso da DVDteca Arte na Escola em sala de aula. Em 2010, este novo conceito começou a se espalhar e a se enraizar pelo Brasil. Uma parceria do Instituto Arte na Escola com o Ministério da Educação garantiu a distribuição, para 100 mil escolas públicas de todo o País, de caixas contendo 30 DVDs selecionados entre os 162 títulos do acervo da DVDteca Arte na Escola. Cada DVD é acompanhado do seu respectivo livreto da Tecnologia Rizomática. Além disso, o Ministério da Educação incluiu a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte no seu Guia de Tecnologia Educacionais. Um dos objetivos listados pelo MEC para a confecção do Guia é "disseminar padrões de qualidade de tecnologia educacionais que orientem a organização do trabalho dos profissionais e contribuam para elevar a qualidade da educação básica".

Currículos

A presidente do Instituto Arte na Escola, Evelyn Ioschpe, destaca que o Brasil está passando por um momento muito rico na área educacional e o Guia é um ótimo instrumento para as redes de ensino. "O Brasil atravessa um período de concepção de currículos em Arte. Assim, o material do Guia do MEC é muito importante para ajudar a suprir a necessidade crescente de referências neste sentido." O diretor de Produção de Conteúdos e Formação em Educação a Distância do MEC, Demerval Guillarducci Bruzzi, ressalta o fato das escolas receberem a coleção de títulos da DVDteca do Arte na Escola com o material educativo. "O MEC sempre procura o material da melhor qualidade e considerou o material do Arte na Escola de altíssimo nível por valorizar a arte brasileira". Segundo ele, "não havia material especializado no Brasil" sobre o ensino da arte contemporânea brasileira. Evelyn Ioschpe frisa a importância da parceria com o Ministério da Educação, mas lembra que o mais valioso é o apoio do professor. "Além do MEC distribuir o material, também o validou com o seu selo, tornando-o disponível para a escola brasileira. Mas, na verdade, a genuína credibilidade é conferida pelo professor, na medida em que o usa e mostra resultados", afirma. Segundo ela, o retorno dos professores tem sido muito positivo. Evidências deste resultado estão presentes em comentários como o da professora da rede estadual de São Paulo, Rosa Maria Marciano, publicado no hotsite da DVDteca: "Toda a coleção é uma fer- »

» ramenta muito especial de ajuda ao desenvolvimento de conteúdo na escola, de acordo com a proposta curricular. É tudo o que eu queria pra incrementar as minhas aulas". A distribuição da DVDteca Arte na Escola pelo MEC faz parte do projeto DVD Escola, que oferece às escolas públicas de educação básica caixas com DVDs e a programação produzida pela TV Escola. O diferencial da DVDteca Arte na Escola é ser a única com DVDs acompanhados de material educativo. Outro diferencial é o rico acervo da DVDteca, todo dedicado à arte brasileira. Estão presentes desde artistas modernistas, como Lasar Segall e Anita Malfatti, até os contemporâneos Leda Catunda, Nuno Ramos e Vik Muniz. Os DVDs possuem uma temática ampla e privilegiam tanto a obra individual dos artistas, como também oferecem uma reflexão sobre temas variados, sendo importante fonte documental para pesquisar a história da arte brasileira. As arte-educadoras Gisa Picosque e Mirian Celeste Martins, consultoras responsáveis pela concepção conceitual do material educativo que acompanha a DVDteca, listam os cinco saberes do rizoma das artes: 1) conexão - qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo; 2) heterogeneidade - qualquer conexão é possível, marcando um arranjo por elementos e ordenações distintas; 3) multiplicidade - não há noção de unidade, há um arranjo de linhas que se definem pelo fora, pela desterritorialização segundo a qual as linhas mudam de natureza ao se conectarem às outras; 4) ruptura de hierarquização - não há uma única direção, pode ser rompido, quebrado em lugar

qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas; 5) cartografia - pode ser mapeado, cartografado e tal cartografia mostra que o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí remeter a quaisquer outros pontos em seu território.

Receita de bolo

Na opinião de Evelyn Ioschpe, a Tecnologia Rizomática oferece muitas possibilidades ao professor. "A diferença desta Tecnologia Rizomática é que ela não é hierárquica como uma receita de bolo", compara. Ela diz que o Instituto Arte na Escola tem uma preocupação muito grande em habilitar os professores para a utilização da proposta. "Nós sempre recomendamos que seja feita uma capacitação. Não tenho a menor dúvida de que, quando esta possibilidade existe, os resultados são muito melhores", afirma. Por isso, o próximo passo do Arte na Escola é criar um modelo de curso a distância para formar professores. "Este é o grande desafio. Temos estudado uma parceria direta com as universidades a fim de viabilizar esta proposta", diz Evelyn. Demerval Bruzzi informa que o Ministério da Educação poderá ajudar o Arte na Escola nesta estratégia para aprimorar o ensino da arte. "Vamos estimular parcerias com as universidades federais para o ensino à distância", afirma. "Não só para os cursos de licenciatura, mas para os de especialização em português, história, artes etc."

5

Clique abaixo e conheça:

A lista de títulos disponíveis no projeto DVD Escola/MEC

O Guia de Tecnologia Educacionais do MEC

Clipes dos documentos e seus materiais educativos

«

Como um andarilho, vesti as sandálias de um professor pesquisador

A DVDteca Arte na Escola reúne um material rico e muito bem pensado, que pode dar suporte aos professores de Arte e também a todos os professores dispostos a criar novas estratégias em suas aulas.

» De forma rizomática, o conteúdo dos documentários e o material educativo para o professor proponente vão abrindo espaços para novos olhares, possibilidades para a construção do conhecimento, tanto do professor, como do aluno.

O material, assim como o rizoma de forma inversa à definição arbórea e suas raízes, conecta-se de um ponto qualquer a outro (flexibilidade de interpretação) que, segundo Deleuze e Guattari (1995, v.1, p.15), “põe em jogo regimes de signos muito diferentes. Parece feito de linhas: tanto linhas de continuidade quanto linhas de fuga, sugerindo dimensão máxima, segundo a qual, em sua multiplicidade metamorfoseia-se, mudando de natureza.

Assim, como professora de arte, eu deveria propor aos alunos uma atividade rica nas linguagens da arte, levando em conta, porém, os questionamentos percebidos por mim ao longo dos anos de magistério. Ao serem apresentados a um artista, por exemplo, os alunos logo questionavam se este estaria vivo ou já teria falecido.

Minha escolha, então, deveria recair sobre um artista contemporâneo. Outra condição seria encontrar um artista que tivesse uma proposta poética leve, fluída, a fim de tornar o trabalho prazeroso aos alunos da 4ª série, já que nesta fase há muita apreensão diante das mudanças que ocorrerão em suas vidas escolares. Assim, teve início o trabalho na Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal no ano de 2010.

Andanças

Como um “andarilho, vesti as sandálias de um professor pesquisador” (Martins e Picosque, 2008) e saí em busca de um artista que se encaixasse neste perfil. Um artista contemporâneo, que pudesse levar os alunos a um sentimento de “êxtase”, transformando o momento de fruição em momento de prazer.

Em minhas andanças, acabei por encontrar Kandinsky. Sua poética é fluída, suas cores são generosas, há um prazer enorme em entrar em contato com sua obra. Mas pesava contra esta escolha o fato dele não ser um artista vivo, embora Kandinsky permaneça vivo por meio de suas obras.

Voltei, então, às minhas buscas. Nossa escola havia recebido a caixa do projeto DVD Escola/Arte (leia nas págs 4 e 5) que foi passada para mim e para todos os outros professores. Foi em contato com este material que me deparei com o aquarelista Rubens Matuck, um artista contemporâneo, vivo, e com um material de alta qualidade, que possibilita uma infinidade de caminhos a serem percorridos com os alunos e que subsidia o professor a construir um mapa rizomático [“se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, coletável, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”, Deleuze e Guattari (1995, v.1, p.32-33)].

Rubens Matuck nos remete à água do mar, às cortinas imaginárias que usamos na infância. Não havia mais dúvidas. Estava decidido o artista e o material a ser usado nas aulas: a aquarela de Matuck.

Comecei a estudar as possibilidades que esse artista me apresentava. Esta estrutura rizomática, flexível ou instável, era uma importante aliada para encaminhar as aulas e elaborar conteúdos que poderiam ser modificados ou não.

Apresentei aos alunos o nosso artista e suas tintas. Quando apresentei o documentário, quase unanimemente eles perceberam os vidros transparentes em seu ateliê e questionaram como conseguiríamos as cores. Foi aí que, aos poucos, fui introduzindo os alunos na obra de Matuck. E eles foram percebendo a preferência do artista pelas transparências, o porquê dos vidros, quase que um modelo a ser perseguido, numa busca constante pela transparência, pela luz e pelas cores.

Mas como conseguir que as cores gerassem a transparência? O que usaríamos? Como resposta disse que esta busca constante é que motiva o artista a continuar pesquisando, que o faz continuar a caminhar. Desde os tempos mais remotos os artistas buscam formas e materiais para se expressar, e era isto que também faríamos. Foi uma agitação total.

Experiência que transforma

Com a leitura do capítulo “Ampliando o olhar” do material educativo que acompanha o DVD, percebi a importância da pesquisa sobre pigmentos. Ao assis- »

» tirem ao DVD, os alunos também se interessaram muito pelo tema. Propus, então, a produção de nossos próprios pigmentos. Angariei vários potes e pedi que trouxessem tudo que tivessem em casa que fosse relacionado à pintura. Apareceu de tudo: pó xadrez, sombras, blush, tintas de parede, tintas de tecido, etc. Ofereci também alguns estojos de aquarela, material comprado pela escola, tintas acrílicas e guaches. Neste processo experimental, ficou claro para os alunos que encontrar as cores e a transparência desejada não era tarefa fácil. Em um número significativo das produções dos pigmentos, os resultados foram cores não muito definidas, ou não desejáveis. Ou seja, o refazer ou fazer de novo foi necessário.

Acredito que conseguimos uma experiência enriquecedora, considerando a sua definição na Proposta Curricular do Estado São Paulo, no Caderno do Aluno, na página 11, 1º bimestre – 5ª série, que a define como: “A experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e transforma”. “Este acontecimento no espaço sala de aula os transformou, pois gerou motivos para novos e significativos experimentos e muita discussão acerca de cores e transparência, possibilitando novos fazeres em “Arte”.

A partir daí devíamos pensar em nossos desenhos, ou melhor, na criação da proposta visual que cada um deveria realizar. Foi então que lancei mão de um DVD sobre Kandinsky e sua produção.

No entanto, havia me esquecido que esse DVD era narrado em espanhol. Fiquei pasma! E, antes mesmo de desculpar-me ou encontrar soluções para resolver o problema, constatei que, mesmo sendo em outra língua, as crianças estavam interessadas e compreendendo o trabalho de Kandinsky e a sua forma de abstrair as imagens, certificando-me, mais uma vez, que “a arte é universal”.

Outro fator levantado na obra de Kandinsky foi a sua ligação com a música. Após a apresentação, de forma “democrática”, propus a todos que desenhassem ouvindo música. Outra opção seria irmos até o pátio da escola em busca de inspiração, fazendo uso da natureza. Em nossa roda de conversa, onde todos tinham a liberdade para manifestarem-se de forma ordenada, eles expressaram o desejo de experimentar as duas formas do fazer “artístico”.

Exercitando o olhar

De posse de três folhas sulfite, lápis e, tendo como apoio as capas de proteção do bloco de papel canson (que tenho o hábito de guardar), saímos para a nossa pesquisa de campo em busca de descobertas com ou sobre a natureza. Não foi permitido o uso da borracha, ferramenta que, em muitos casos, é prejudicial, pois pode gerar a desatenção e nosso objetivo era exatamente o oposto. Ou seja, exercitar o olhar diferenciado, atento e cuidadoso sobre a natureza. Então, com atenção redobrada, os alunos escolheram o que gostariam, de fato, de representar em seus trabalhos.

Ao desenhar, alguns alunos lembraram Kandinsky,

que usava como modelo as fotos de uma bailarina para criar movimento a partir das linhas de contorno de seu corpo dançando, conhecimento este adquirido ao assistirem ao vídeo.

Em outra aula fizemos nossos desenhos ao som de músicas clássicas que escolhi antecipadamente. Handel, Vivaldi, Bach e Albinoni do CD The Best of Baroque Music.

Infelizmente não tive tempo suficiente para contextualizar a música, mas conversamos sobre os sons. Quis saber se eles já tinham ouvido alguma música parecida com aquelas que eu havia trazido ou se achavam que a pintura de Rubens Matuck e a de Kandinsky tinham aquele ritmo. Mas tive que parar por aí. O fim do ano se aproximava e tínhamos que terminar nossa proposta, até porque já estavam muito ansiosos para isto.

Chegou o momento de realizar o trabalho, fruto da pesquisa/experimentos com as tintas. Já tínhamos várias cores prontas, que fomos fazendo e guardando. Utilizei para o fechamento dessa proposta uma tela de 30x40 cm, material que havia pedido no começo do ano aos pais dos alunos.

Assim fomos escolher o desenho para colocar na tela. A única recomendação foi para que todos pensassem nas escolhas, principalmente em relação ao que gostariam de representar em seu trabalho. Sempre tive o cuidado de lembrá-los de que estavam realizando um trabalho para eles mesmos, que este deveria estar impregnado de sua identidade, como um autorretrato plástico de suas poéticas.

Na etapa seguinte, começamos a pintura e o uso das tintas, sem minha interferência direta. Pedi apenas para que tomassem cuidado com as novas misturas de tintas, pois já havíamos testado algumas não aprovadas.

Foram disponibilizadas todas as cores que eles pesquisaram e criaram, alguns tubos a mais de tinta acrílica, estojos de aquarela, guache, tinta para tecido, tinta para artesanato e, principalmente, um tempo sem cobrança. As manchas e transparências foram acontecendo. Algumas pintadas, outras por intuição ou acaso, elementos importantes na obra de vários artistas contemporâneos.

Durante o projeto, a leitura das obras dos alunos foi acontecendo, feita por mim, por eles mesmos e pelos colegas. Alguns se depararam com elementos formais parecidos com as obras dos artistas apresentados, outros se davam conta de que conseguiram cores semelhantes. Sem nos aprofundarmos em uma leitura técnica das obras, ela foi se dando de forma fluída, como, aliás, todo o projeto.

Com essa experiência de sala de aula posso afirmar, com convicção, que o resultado foi rico tanto para os alunos, como também para mim, que relato com orgulho, prazer e entusiasmo esta vivência. E, para finalizar, no dia da formatura das 4ª séries montamos uma grande exposição para mostrar a todos os trabalhos realizados pelos alunos.

Hânia Cecília Pilan - Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pelo Mackenzie, professora Efetiva do Estado de São Paulo das Universidades Uniban e Unifitalo.

Bibliografia

Livros:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1. (Trans).

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Arte por Escrito: Rizoma Cultural: Content Stuff, 2008.

DVDs:

LES INÉDITS: La Dame à la Licorne, Wassily Kandinsky, Francis Bacon. Dir. Alain Jaubert. S.L.: Editions Montparnasse: Arte Vidéo, 2007. 1 DVD (90 min.) (Palettes).

RUBENS Matuck: a aquarela no Brasil. Dir. Maria Ester Rabello. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2000. 1 DVD (23 min.). (O mundo da arte). Acompanha material educativo para professor-proponente. DVDteca Arte na Escola.



diagrama (série membranosas), 2009

Professor propositor, pesquisador e inventor

»» A professora Amanda Bastos, da Escola Municipal Domingos Fernandes, em São João da Barra (RJ), frequenta o Polo do Arte na Escola da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), na cidade vizinha de Campos dos Goytacazes, desde 2009. Após estudar o acervo da DVDteca e a Tecnologia Rizomática do Ensino da Arte, ela tomou coragem e se ofereceu para ministrar oficinas de formação de professores. A experiência mudou o modo de Amanda ver, pensar e ensinar arte. "Além de utilizar melhor o DVD e o folheto que o acompanha, eu mesma crio outros mapas para o DVD e para minhas aulas. Eles me permitiram desenvolver um olhar cada vez mais diferenciado e crítico na sala de aula e na vida", diz.

Maria de Fátima Basílio é professora em Guaianases, na zona leste de São Paulo. Trabalha na Escola Estadual Professora Inês Cordeiro e faz sua formação continuada no Polo Unicsul. Após trabalhar com os alunos os DVDs de Rubem Valentim e Mestre Didi, ela encontrou diversos caminhos para transmitir seu conhecimento aos alunos. "O estudo das imagens e algumas informações a respeito da vida de cada um desses artistas nos levaram a uma conversa acerca de religiosidade e de Arte africana, visitamos o Museu Afro Brasil, fizemos uma produção e encerramos o processo, que poderia ter ido além, pois vejo o fato de não esgotar o assunto como fator positivo", afirma. Estas duas experiências em sala de aula demonstram como o acervo da DVDteca e a Tecnologia Rizomática estão criando uma nova forma de ensinar a Arte contemporânea brasileira nas escolas. Elas também revelam a relevância da formação contínua. O professor de artes está se transformando de um mero expositor em um professor propositor, pesquisador, inventor.

Sessão Pipoca

Esta nova visão do ensino da arte vem ganhando força após a parceria do Instituto Arte na Escola com o Ministério da Educação (leia nas págs 4 e 5). A coordenadora do Polo na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Ursula Rosa, destaca que intensificou a formação assim que soube que o MEC estava fazendo a distribuição da caixa do projeto DVD Escola/Arte para 100 mil escolas de todo o Brasil. "A estratégia é discutir as metodologias nos grupos de estudo e dar ênfase para que os professores trabalhem com o conteúdo e a criatividade na sala de aula. Fizemos uma Sessão Pipoca com mostras quinzenais de DVDs e debates sobre como utilizar o material em aula", conta.

Na Universidade Estadual de Londrina, a coordenadora do Polo, Carla Galvão, informa que o material da DVDteca é

trabalhado nos diversos cursos de formação, como o Programa de Desenvolvimento Educacional, Plano Nacional de Formação de Professores de Educação Básica e o Seminário de Arte e Ensino, realizado anualmente em parceria com o Arte na Escola. "Há ainda o ciclo de debates sobre arte contemporânea brasileira, que, a cada encontro, parte de um dos DVDs ", diz.

Conceitos

Solange Utuari, do Polo Unicsul, destaca que os DVDs são trabalhados no Grupo de Estudo Rizomas e Territórios da Arte (GERTA). "Sempre trazemos a questão de que as aulas de artes precisam ter como objeto o ensino de conceitos em arte e não apenas trabalhos temáticos. A DVDteca pode contribuir porque foi construída com os focos em conceitos que são explorados nos territórios de arte e cultura", afirma. Na visão dela, o professor mudou o modo de ensinar e hoje "propõe percursos poéticos, estéticos e criativos e se torna autor do seu projeto didático ao convidar os alunos a fazer parte de uma trajetória de aprendizagem".

A coordenadora do Polo na UENF, Danuza Rangel, diz que a DVDteca é utilizada durante o ano todo em oficinas práticas-reflexivas. Ela relata que o Polo incentiva o registro das atividades. "Temos estimulado muito a elaboração destes relatos escritos, inclusive em função do Prêmio Arte na Escola Cidadã", diz.

Livro

Em Londrina, o trabalho com a DVDteca vai virar livro. "A intenção é publicar um livro a partir das atividades propostas pelo grupo e dos DVDs assistidos", conta Laura Cabral Cava, assessora de arte da Secretaria Municipal de Educação, parceira do Arte na Escola.

Na Unicsul, Solange Utuari revela que o Polo pretende identificar como o professor está usando a DVDteca. "Estamos finalizando uma pesquisa para saber como os materiais e formações oferecidas pelo Polo tem contribuído para a prática dos educadores e aprendizados dos alunos em Arte", afirma.

Amanda Bastos observa que os DVDs estão ajudando os alunos a mudar a visão da arte. "Por tratarmos de assuntos e artistas atuais, os DVDs facilitam a conexão com a vida dos alunos, tornando a aprendizagem significativa", afirma. Maria de Fátima concorda que os DVDs são uma ótima estratégia para "conversar" com o cotidiano dos alunos. "A TV e o telão são muito mais próximos ao aluno que a lousa. O aluno atual é ágil e quer ser participativo. Os DVDs possibilitam uma dinâmica em que o aluno se expressa", diz. <<

O acervo da DVDteca está disponível para empréstimo na Rede Arte na Escola.

